

COVID-19: REFLEXÕES SOBRE O RETORNO PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Ludmila Louslene Soares*

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Isso significava que a doença já tinha atingido vários continentes e se alastrava rapidamente, infectando milhares de pessoas por dia. Diversos países passaram a registrar os primeiros casos. Até aqui, já lemos essas informações ao menos dezenas de vezes. A notícia foi recebida com temor e completo sentimento de incerteza pelo mundo todo. Aos pais, educadores e alunos, havia um grande ponto de interrogação (com uma exclamação junto) ao observar seus semblantes e falas. Em 15 de março de 2020, a Secretaria de Saúde do Estado (SES) determinou a paralisação das aulas “em todos os níveis educacionais, públicos e privados, de modo a interromper as atividades por 15 dias” (GOIÁS, 2020a).

A notícia foi recebida com espanto e incerteza do que estava prestes a acontecer. Ingênuos de nós que imaginávamos passar algumas semanas longe da escola e logo voltar à rotina de nossas vidas. Em pouquíssimo tempo, muitas movimentações e reuniões para responder às perguntas: E agora? Como as aulas irão continuar? O que vamos fazer? Que recursos temos? Como as crianças irão participar e se interessar? Assim, o Conselho Estadual de Educação resolveu, por meio da Resolução 02/2020

Estabelecer o regime especial de aulas não presenciais no âmbito de todo o Sistema Educativo do Estado de Goiás, definido essencialmente pela manutenção das atividades pedagógicas sem a presença de alunos e professores nas dependências escolares, devendo se efetivar por meio de regime de colaboração entre os entes federados e autoridades do Sistema Educativo do Estado de Goiás” (GOIÁS, 2020b, s/p)

*Professora dos cursos de Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis, Logística e Farmácia no Centro Universitário Alfredo Nasser. Docente da educação básica na rede privada de ensino. Especialista em Gestão Empresarial; Gestão Financeira e Controladoria; e, Educação Infantil e Anos Iniciais.

No decorrer desse processo, os gestores e professores foram criando estratégias como gravação de vídeos, organização de material do *Google Classroom*, roteiros de atividades com a família, além de aprenderem a usar plataformas de reunião online, como o *Zoom* e *Google Meet*. É necessário cumprir as orientações da Resolução nº 2/2020. A partir desse ponto, as dificuldades de pais, professores e alunos se intensificaram, como o uso de ferramentas digitais cada vez mais frequentes e acesso à internet. Passaram-se um mês, dois meses, seis meses e ninguém tinha a resposta de quando o retorno presencial iria acontecer. Percebeu-se que era incerto e talvez ainda distante. Muitos pensamentos surgiam: “As crianças não vão ficar com a máscara”, “Como brincar sem distanciamento social?”, “As crianças não conseguem! Se é ruim para os adultos, imagina para as crianças?”. Quantos questionamentos!

Aos poucos, com a experiência foram surgindo *lives* nas redes sociais, produção de conteúdo para que os professores se ajudassem, compartilhamento de atividades para realizar remotamente. Algumas escolas adotaram o modelo da gravação de vídeos e atividades impressas. Outras, aulas remotas via transmissão ao vivo, frente a frente com o aluno. Outras, contando com a realidade de suas famílias, montaram grupos de *WhatsApp* em que a aula remota é realizada por meio de vídeos do *YouTube*, áudios, propostas de atividades em que o acompanhamento é realizado por fotos, vídeos e comunicação com os pais. Essa realidade ainda está mista, até mesmo dentro das escolas em funcionamento em Goiânia e Aparecida de Goiânia, por exemplo, em que cada turma tem uma realidade diferente, relacionada à faixa etária, capacidade de crianças na sala, recursos físicos, financeiros e organização feita pela instituição tendo em vista os protocolos de biossegurança da SES.

Cada criança em cada lar foi recebendo diferentes estímulos, informações e formações de novos hábitos. Enquanto em uma casa foi se aprendendo a lavar as mãos da maneira correta e usar máscaras, inculcando nisto muito temor pela doença, em outras os pais talvez não acreditassem na tal ‘pandemia’ e se recusassem de certa forma a seguir protocolos. “O coronavírus vem do morcego”, “A China criou o vírus”, são algumas manifestações que as crianças traziam nas conversas em grupo.

Nesses passos, começou-se a pensar no retorno presencial. Em julho de 2020 a SES disponibilizou o Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades Presenciais nas Instituições de Ensino do Estado de Goiás. Este documento começou a ser estudado pelas instituições do estado e foi base para a elaboração do plano de retorno às aulas presenciais específico para cada unidade escolar, tendo em vista suas particularidades. (GOIÁS, 2020c)

A visão inicial era que fosse quase “impossível” seguir os protocolos com as crianças, pois elas não iriam conseguir ficar o período necessário de máscaras. As máscaras de tecido deveriam ser trocadas a cada 3 horas. Considerar que no momento de alimentação ficariam sem máscaras e seria necessário evitar o contato com os alunos. Como conduziria, afinal, a etapa da creche (0 a 3 anos)? Como distribuir recursos pedagógicos, como evitar compartilhamento de recursos, como brinquedos? Como adaptar o ambiente escolar para atividades e permanência seguras: Atenção redobrada para pais e professores. Organizar esse espaço pedagógico foi e tem sido uma tarefa minuciosa. As dificuldades foram apontadas e, ao mesmo tempo, passou-se a pensar em soluções para os desafios já existentes e os que estavam por vir.

Nas escolas particulares, a partir de novembro de 2020, aconteceu o retorno das aulas presenciais com os protocolos de biossegurança. Ao vivenciar a experiência, a emoção aflorou ao ver as crianças mais de perto novamente. Temerosos pela saúde, tendo que confiar no cumprimento dos protocolos para a segurança, ao mesmo tempo alegres por rever as crianças e mais uma vez adaptando o planejamento à realidade presencial com protocolos. Múltiplas realidades mais uma vez para a escola: adaptação sempre é a palavra de ordem.

Nestas escolas, a realidade tem sido também plural, em consenso com pais e gestão escolar. Algumas escolas têm mantido o escalonamento presencial de uma mesma turma, dividindo-a em grupos semanais, de acordo com a capacidade da sala. Outras, tem capacidade de espaço e conseguem atender toda a turma em espaços diferentes, por meio de rotação por estações, por exemplo. Em outras, os pais preferiram não enviar ainda seus filhos à escola, e por isso esta deve atender as crianças de forma remota, mesclando as duas situações: as crianças que estão no presencial têm aulas simultâneas ao vivo com as que estão em casa, podendo acontecer em parte do horário de aula.

Neste processo o professor busca recursos para elaborar atividades que sejam lúdicas, significativas e prazerosas para as crianças, mas que cumpram o distanciamento social, incluam a correta higienização de mãos e de espaços, que não incentivem o compartilhamento de objetos. São só alguns pontos a se observar ao planejar.

Ao processo de aprendizagem das crianças, foram acrescentadas de forma acelerada as tecnologias digitais, que a Base Nacional Comum Curricular já previa.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

A exposição às telas já vinha crescendo exponencialmente, mas foi aumentada pela pandemia, já que as propostas de estudos vêm sendo realizadas *online*. Sabe-se que não é a realidade pelo país afora e que há um abismo entre o que é oferecido e o acesso possível de parte dos estudantes à internet.

A pesquisa TIC Kids Online (2019) aponta que no Brasil temos 3 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não-usuários de Internet no Brasil e 1,4 milhões nunca acessaram a internet. A maior causa apontada é que não tem internet em casa, que corresponde a 18% desta população (4,8 milhões de crianças e adolescentes). Muitas crianças não têm acesso às aulas remotas, via internet, neste período de pandemia, podendo realizar atividades impressas, livros ou atividades propostas que realizem com o que já tem em casa.

Dentre as crianças que acessam, 58% acessam exclusivamente pelo celular que é necessário para a família que deve levá-lo para o trabalho, para comunicação, impedindo o acompanhamento no momento da aula remota. Assim, ora a criança faz em outro horário as atividades ora fica atrasada, pois não consegue cumprir com sua rotina escolar.

Obviamente, esse processo também não acontece uniformemente para as famílias goianas. De acordo com o Diagnóstico da Conectividade das Redes Estadual e Municipais de Ensino do Estado de Goiás, realizado em novembro de

2020, todos os municípios pesquisados relataram dificuldades de acesso às aulas remotas, principalmente em relação ao acesso à internet e equipamentos e velocidade na rede, tanto para professores quanto para alunos.

Enquanto isso, debates de propostas, documentos e projetos de lei que visam o retorno seguro às escolas, respeitando a capacidade e condições da escola, lembram que lugar de criança é na escola e com os devidos protocolos pode-se protegê-las ao estar neste ambiente, tanto proteção às suas possibilidades de aprendizagem como, por exemplo, da violência doméstica. Por outro lado, há quem defenda o retorno somente quando a vacina chegar para a maioria, já que pregam total falta de condições para o retorno nas escolas públicas e que estas se tornarão corredores da morte, e que não é momento para retorno, já que as medidas sanitárias não poderão ser cumpridas em muitas escolas.

Assim, a pandemia tem marcado e marcará profundamente os processos pedagógicos da educação, os quais têm sido modificados a duras penas diante da situação de crise. A pandemia do novo coronavírus transformou o processo educacional, e foi preciso reinventar a maneira de ensinar e a conectividade foi uma aliada para que os professores continuassem seus trabalhos e alunos continuassem seu aprendizado. Mas, os profissionais da educação não podem contar só com isso. Contam com sua afetividade além da conectividade. Além disso, criam alternativas em conjunto para atender ao máximo às necessidades do aluno. Mas, nem tudo está nas mãos deles. Ao pensar o retorno às aulas no “novo normal” pode-se refletir: nada será como antes. Que possamos continuar repensando, adaptando, pesquisando e agindo em benefício da educação de nossas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS. **Resolução nº 02/2020**. Disponível em: <https://cee.go.gov.br/resolucao-022020-sobre-o-regime-especial-de-aulas-nao-presenciais/>. Acesso em: 24 maio 2021b.

GOIÁS. **Diagnóstico da Conectividade das Redes Estadual e Municipais de Ensino do Estado de Goiás**. Goiânia: nov/2020. Disponível em: [https://portal.tce.go.gov.br/documents/20181/311078/Relat%C3%B3rio%20da%](https://portal.tce.go.gov.br/documents/20181/311078/Relat%C3%B3rio%20da%20Conectividade%20das%20Redes%20Estadual%20e%20Municipais%20de%20Ensino%20do%20Estado%20de%20Goi%C3%A1s%20-%20Nov%20de%202020.pdf)

20Conectividade%20do%20Gaepe-GO/12ee5974-f8d6-4c41-8083-41f8535ca150. Acesso em: 24 maio 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS. **Nota Técnica nº 1/2020**. Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/nota_tecnica.pdf. Acesso em: 24 maio 2021a.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS. **Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades Presenciais nas Instituições de Ensino do Estado de Goiás**. Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/Protocolos/Protocolo%20de%20retorno%20as%20atividades%20presenciais%20nas%20institu%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20de%20Goi%C3%A1s.pdf. Acesso em: 24 maio 2021c.

UNESCO. **Tic Kids Online Brasil 2019**. São Paulo: jun./2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.